



HISTÓRIA DE PORTUGAL (TOMO I)

OLIVEIRA MARTINS

JVA EDITORA



OLIVEIRA MARTINS

História de Portugal (tomo I)

Primeira publicação: 1879

Edição de domínio público

JVA Editora

O texto aqui transcrito, é uma cópia integral do livro impresso em 1908.

Foi mantida a grafia usada na edição original de 1908, tendo sido corrigidos apenas pequenos erros tipográficos que não alteram a leitura do texto, e que por isso não foram assinalados.

HISTORIA DE PORTUGAL

TOMO I

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO IBERICA, 4.^a ed. (1897), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
 HISTORIA DE PORTUGAL, 7.^a ed. (1908), 2 vol., br. 1\$400 rs. Enc. 1\$800.
 O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS, 4.^a ed. (1888), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
 PORTUGAL CONTEMPORANEO, 4.^a ed. (1907), 2 vol., br. 2\$000 rs. Enc. 2\$400.
 PORTUGAL NOS MARES, (1889), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
 CAMÕES, OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL, (1891), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
 NAVEGACIONES Y DESCUBRIMIENTOS DE LOS PORTUGUESES, (ed. do Ateneo de Madrid, 1892), 1 vol. (não entrou no commercio.)
 A VIDA DE NUN'ALVARES, 2.^a ed. (1894), 1 vol., br. 2\$000 rs. Cart. 2\$400. Enc. (folhas doiradas) 3\$200.
 OS FILHOS DE D. JOÃO I, 2.^a ed., 2 vol., br. 1\$400 rs. Enc. 1\$800.
 O PRINCIPE PERFEITO, (1895), 1 vol., br. 2\$000 rs. Encad., folhas doiradas, 3\$200.

II. Historia geral:

ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA, 4.^a ed. (1885), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
 AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILIZAÇÃO PRIMITIVA, 2 vol., br. 1\$400 rs. Enc. 1\$800.
 SYSTEMA DOS MYTHOS RELIGIOSOS, 3.^a ed. (1895), 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1\$000.
 QUADRO DAS INSTITUIÇÕES PRIMITIVAS, 2.^a ed. (1893), 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1\$000.
 O REGIME DAS RIQUEZAS, 2.^a ed. (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
 HISTORIA DA REPUBLICA ROMANA, 2.^a ed., 1897, 2 vol., br. 2\$000 rs. Enc. 2\$400.
 O HELLENISMO E A CIVILIZAÇÃO CHRISTÃ, 2.^a ed., 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1\$000.
 TABOAS DE CHRONOLOGIA E GEOGRAPHIA HISTORICA, (1884), 1 vol., br. 1\$000 rs. Encadernado 1\$200.

III. Varia:

A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA, 2.^a ed., 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1\$000.
 A REORGANISAÇÃO DO BANCO DE PORTUGAL, opusculo, (1877), br. 150 rs.
 O ARTIGO «BANCO», no *Diccionario Universal Portuguez*, (1877), 1 vol., br. 500.
 POLITICA E ECONOMIA NACIONAL, (1885), 1 vol., br. 700 rs.
 PROJECTO DE LEI DE FOMENTO RURAL, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887*, 1 vol., br. 300 rs.
 ELOGIO HISTORICO DE ANSELMO J. BRAAMCAMP, ed. part. (1886), 1 vol. (esgotado).
 THEOPHILO BRAGA E O CANCIONEIRO, opusculo, (1869) (esgotado).
 O SOCIALISMO, (1872-3), 2 vol., br. 1\$200. (Esgotado)
 AS ELEIÇÕES, opusculo, (1878), br. 200 rs.
 CARTEIRA DE UM JORNALISTA: I. *Portugal em Africa*, (1891), 1 vol., br. 400 rs.
 A INGLATERRA DE HOJE, CARTAS DE UM VIAJANTE, 2.^a ed., 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
 CARTAS PENINSULARES, (1895), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.

{pg. III}

HISTORIA
DE
PORTUGAL

POR
J. P. Oliveira Martins
Setima edição

TOMO PRIMEIRO

1908
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta—44 a 54
LISBOA

{pg. IV}

Composto e impresso na typographia

DA

Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

{pg. V}

Á

MEMORIA

DE

ALEXANDRE HERCULANO

mestre e amigo

{pg. VI}

{pg. VII}

ADVERTENCIA

«Antigamente foi costume fazerem memoria das cousas que se fazião, assi erradas, como dos valentes & nobres feytos. Dos erros porque se delles soubessem guardar: & dos valentes & nobres feytos aos bõos fizessem cobiça auer pera as semelhantes cousas faseram.»

Coronica do Condestabre.

A historia é sobre tudo uma lição moral: eis a conclusão que, a nosso vêr, sâe de todos os eminentes progressos ultimamente realizados no fôro das sciencias sociaes. A realidade é a melhor mestra dos costumes, a critica a melhor bussola da intelligencia: por isso a historia exige sobretudo observação directa das fontes primordiaes, pintura verdadeira dos sentimentos, descripção fiel dos acontecimentos, e, ao lado d'isto, a frieza impassivel do critico, para coordenar, comparar, de um modo impessoal ou objectivo, o systema dos sentimentos geradores e dos actos positivos.

O desenvolvimento do criterio racional e o predominio crescente dos processos proprios das sciencias, baniram os modelos antigos e fizeram da historia um genero novo. Nem os discursos moraes ou litterarios sobre a historia, á maneira do ^[pg. VIII] XVII seculo, nem o doutrinarismo secco do XVIII que sobre factos e instituições mal conhecidos construia systemas geraes chimericos,

nem a opinião, muito seguida em nossos dias, de considerar a historia unicamente nos seus phenomenos exteriores, averiguando eruditamente as epochas e as condições dos successos, merecem, a nosso vêr, imitação.

Todos estes systemas, porém, ensaios successivos para determinar o genero de um modo definitivo, teem um lado de verdade aproveitavel. Os modelos classicos fizeram sentir o character moral da historia; os modelos abstractos, a necessidade de comprehender os phenomenos n'um systema de leis geraes; os modelos eruditos, finalmente, a condição imprescriptivel de um conhecimento real e positivo da chronologia e dos elementos que compõem o *meio* externo ou phisico das sociedades.^[1]

Nada d'isto, porém, é ainda realmente a historia, embora todas essas condições sejam indispensaveis para a sua comprehensão. O intimo e essencial consiste no systema das instituições e no systema das idéas collectivas, que são para a sociedade como os órgãos e os sentimentos são para o individuo, consistindo, por outro lado, no desenho real dos costumes e dos caracteres, na pintura animada dos logares e accessorios que formam o scenario do theatro historico.

Estes dois aspectos são egualmente essenciaes; porque a coexistencia independente dos motivos collectivos e naturaes, e dos actos individuaes, é um facto incontestavel na vida das sociedades.

Na *Historia da civilização iberica* tratámos de estudar o systema de instituições e de idéas da sociedade peninsular, para expôr a sua vida collectiva, organica e moral. Tomámos ahi a sociedade como ^(pg. IX) um individuo, e procurámos retratal-o phisica e moralmente. Agora o nosso proposito é diverso. Tratando da historia particular

portugueza, somos levados a encarar principalmente o segundo dos aspectos essenciaes da historia geral. A sociedade portugueza, como molecula que é do organismo social iberico, peninsular, ou hespanhol—estas tres expressões teem aqui um alcance equivalente—obedeceu, nos seus movimentos collectivos, ao systema de causas e condições proprias da historia geral da peninsula hispanica. Por isso procurámos sempre, na obra referida, indicar o modo pelo qual as leis geraes se realisavam simultaneamente nas duas nações hespanholas: duas, porque a historia assim constituiu politicamente a Peninsula.

Metade da historia portugueza está, portanto, escripta na *Historia da civilização iberica*: a metade que trata da vida da sociedade, como um ser organico. Compreender-se-ha, pois, que nos abstenhamos agora de repetir o que está dito, e que nos limitemos a enviar o leitor para esse livro; indicando, quando fôr necessario, o logar onde poderá encontrar a explicação das causas geraes a que no texto se tem de alludir.

Resta fazer a segunda metade: resta caracterizar o que ha de particular na historia portugueza; resta fazer viver os seus homens, e representar de um modo real a scena em que se agitam: tal é o programma d'este livro, cujas difficuldades de execução excedem em muito as do anterior. N'esse, bastavam o conhecimento e o pensamento: um para nos dizer como foram as cousas, outro para nos indicar o principio e o systema da civilização. Agora carece-se do faro especial da intuição historica, e d'um estylo que traduza a animação propria das cousas vivas. Toda a longanimidade do leitor ^(pg. xv) será pois necessaria para desculpar as imperfeições da obra.

É mistér indicar ainda outro assumpto e prevenir uma impressão, natural em quem ler successivamente as duas obras. A

Historia de Portugal consiste n'uma serie de quadros, em que, na maxima parte das vezes, os caracteres dos homens, os seus actos, os motivos immediatos que os determinam e as condições e modo porque se realisam, merecem antes a nossa reprovação do que o nosso applauso. Crimes brutaes, paixões vis, abjecções e miserias, compõem, por via de regra, a existencia humana; e por isso mais de um moralista tem condemnado o estudo da historia como pernicioso para a educação.—Por outro lado, a *Historia da civilização iberica* respira um enthusiasmo optimista que, ao primeiro exame, pareceria contradictorio com o pessimo e mesquinho character que as acções dos homens apresentam. Um exemplo bastará para demonstrar este antagonismo: além considerámos as conquistas americanas e asiaticas uma obra heroica, e agora veremos que montanha de ignominias foi o imperio portuguez no Oriente.

Esta contradicção, real para o criterio abstracto, não existe, porém, para o criterio historico. Toda a boa philosophia nos diz que o homem real é a imagem rude de um homem ideal, que essa imagem vive no mundo inconscientemente, e que todas as acções dos homens, maculadas de defeitos e vicios, obedecem a um systema de leis, idealmente sublimes. É esta verdade que o povo consagrou quando formulou o adagio: Deus escreve direito por linhas tortas.

Pesada esta consideração, que não podemos agora desenvolver de um modo cabal, vêr-se-ha como na historia de uma civilização os caracteres particulares das acções dos homens, fundindo-se no systema geral de principios e leis que os determinam, perdem individualidade, e não valem senão como elementos componentes de um todo superior: que sejam humanamente bons ou maus,